

A TEKHNOLÓGIA DE PLATÃO: O CASO DO FILEBO

MARCELO P. MARQUES

Universidade Federal de Minas Gerais

A proposta é discutir a reflexão sobre a técnica que é feita no *Filebo*¹, em função de sua posição no movimento argumentativo do diálogo. Trata-se de examinar a *tékhnē* no contexto da contraposição e da aproximação que são feitas entre prazer e saber, tendo em vista a vida feliz, compreendida como uma mistura entre os dois polos. Nesta seção do diálogo, os interlocutores operam uma divisão das técnicas ou ciências, repassando os critérios que nos permitem determinar o valor do saber (reflexão, discernimento, inteligência, técnica, ciência etc.) em suas diferentes modalidades.

Este momento do diálogo é mais uma reflexão analítica das técnicas ou das ciências, que, na verdade, é tão desconcertante quanto excessivamente sintética. O que poderia ser chamado, genericamente, de uma ‘divisão’ das técnicas situa-se entre a longa e minuciosa análise dos prazeres (a seção mais longa, com cerca de 24 páginas *Stephanus*) e a conclusão final, que estabelece mais exatamente as condições da mistura que é a vida boa. Cerca de um terço do diálogo foi utilizado para analisar as diferentes espécies de prazer: mistos e puros, corpóreos e psíquicos, falsos e verdadeiros. Agora é feito um rápido exame das ciências ou técnicas, em termos de maior ou menor precisão, medida e pureza etc. (4 páginas). Por que é feito um exame tão rápido? Por que uma divisão tão sintética (quase uma contradição em termos)?

Apresento, inicialmente, uma visão de conjunto da primeira parte da primeira passagem², para, em seguida, apenas formular alguns dos

¹ PLATÃO. *Filebo*, 55c-57d; 57e-59d.

² PLATÃO. *Filebo*, 55c-57d.

problemas de interpretação que ela suscita, no contexto de uma pesquisa mais ampla em andamento.³

1. A divisão

Contra a impressão de que os interlocutores possam vir a ser condescendentes com os saberes, que constituem um dos polos da oposição em questão, prazer e reflexão (*hedoné/phronesis*), eles devem, agora, diz Sócrates, fazer com as ciências aquilo que acabaram de fazer com os prazeres, ou seja, dividir as técnicas de várias maneiras possíveis, batendo nelas com firmeza (*perikroúomen*), para: pô-las à prova, verificar sua consistência, avaliar sua pureza, examinar sua verdade⁴.

Na ciência dos saberes (*tà mathémata epistémēs*) há uma parte que é demiúrgica (*demiourgikón*, artesanal, produtiva) e outra que é pedagógica (educacional, formativa); Sócrates escolhe um dos lados, para continuar dividindo: dentre as técnicas manuais (*kebeirotekhnikáís*), uma parte tem mais a ver com ciência e outra menos, uma é mais pura, a outra mais impura, e ainda, para cada uma delas, é o caso de se distinguir as ciências que as comandam⁵.

Tudo indica que os fatores que determinam a hegemonia de alguns saberes, que, portanto, têm mais poder (de comando) e valor, são o número, a medida e o peso, cada um com sua respectiva técnica (*arithmetikên, metretikên, statikên*). Sem a dimensão mensuradora, avaliadora, as técnicas se reduziriam a quase nada (avaliação radical, à primeira vista excessiva, que merece exame aprofundado). Os aspectos que se opõem a esses fatores determinantes do valor de uma técnica são a suposição (*eikázēin*), o exercício das sensações (*aisthéseis*), a experiência ou dimensão empírica (*empeiria(i)*) e um tipo de rotina (*tribê(i)*); às quais se acrescentam a capacidade de conjectura (*stokhastikês dynámesin*), o exercício (*meléte(i)*) e o esforço (*rhómen*), que os muitos (*hoi polloî*) chamam de técnicas⁶.

A música é indicada como uma dessas técnicas ‘dos muitos’, constituindo, assim, tanto uma etapa da construção da argumentação de-

³ Ver MARQUES, M. P. (Org.). *Teorias da imagem na antiguidade*. São Paulo: Paulus, 2012.

⁴ PLATÃO. *Filebo*, 55c.

⁵ PLATÃO. *Filebo*, 55d.

⁶ PLATÃO. *Filebo*, 55e-56a.

senrolvida através da divisão (*diáiresis*), como um exemplo da mesma, que desdobra empiricamente o que já foi indicado conceitualmente: de maneira geral, a técnica da música não recorre à medida para harmonizar, ou melhor, recorre à conjectura para descobrir sua medida (é o caso da aulética), o que faz com que não haja clareza, mas, na verdade, pouca firmeza nas suas produções⁷. Sócrates parece ter em vista, para estabelecer a música como contraponto, a prática de maneira isolada, improvisada, o tocar quase de improviso de um instrumento de sopro.

Pelo mesmo caminho, encontramos outras técnicas em igual situação, como a medicina, a agricultura, a navegação e a estratégia. Por oposição a essas, é mencionada a construção, por recorrer mais à medida e aos instrumentos, conferindo-lhe maior exatidão e mais tecnicidade, em relação às outras ciências. As técnicas citadas são a construção de navios, de casas e a carpintaria; os instrumentos são a régua, o torno, o compasso, o cordel e o esquadro⁸.

Σω - θῶμεν τοίνυν διχῆ τὰς λεγομένας τέχνας, τὰς μὲν μουσικῆ συνεπομένας ἐν τοῖς ἔργοις ἐλάττονος ἀκριβείας μετισχούσας, τὰς δὲ τεκτονικῆ πλείονος.

SO - Dividamos, então, as ditas técnicas em duas: umas, que seguem a música e partilham de menor precisão nas suas obras, e outras, mais (precisas), (que seguem a técnica) da construção⁹.

O critério que divide e relaciona, opondo-os, os dois tipos de técnica é a precisão (*akribéias*). A mais precisa de todas e, por isso, primeira, é a técnica dos números (*arithmetikḗn*); que, por sua vez, é também divisível em duas: uma, a técnica dos muitos, e a outra, a dos que filosofam. A diferença não é pequena: uma técnica conta unidades desiguais (*anísous*) (exércitos, bois, coisas pequenas, coisas grandes); a outra técnica conta unidades que não diferem uma da outra; nessa perspectiva, é preciso postular (*théseis*) que, dentre as milhares de unidades, nenhuma difere da outra¹⁰.

⁷ PLATÃO. *Filebo*, 56a.

⁸ PLATÃO. *Filebo*, 56b-c.

⁹ PLATÃO. *Filebo*, 56c4-6.

¹⁰ PLATÃO. *Filebo*, 56c-e.

As técnicas seguintes são então contrapostas como diferentes: o cálculo e a medida, tal como são usados na construção e no comércio, por oposição à geometria e aos cálculos feitos segundo a filosofia (aos quais a filosofia recorre) (*katà philosophían*). Sócrates pergunta se é preciso dizer que cada uma (dessas técnicas) é uma ou se é o caso de postular que são duas. Protarco responde de acordo com o que foi dito até este ponto: ele propõe (escolhe a hipótese de) que cada uma delas seja duas¹¹.

O motivo pelo qual Sócrates traz essa questão para o centro da discussão parece ser o seguinte:

δοκεῖ τοίνυν ἔμοιγε οὗτος ὁ λόγος, οὐχ ἦττον ἢ ὅτε λέγειν αὐτὸν ἡρχόμεθα, ταῖς ἡδοναῖς ζητῶν ἀντίστροφον ἐνταῦθα προβεβληκέναι σκοπῶν ἄρα ἐστὶ τις ἑτέρας ἄλλη καθαρωτέρα ἐπιστήμη, ἐπιστήμη, καθάπερ ἡδονῆς ἡδονή.

O que me parece é que nossa discussão [nosso argumento], não menos agora do que quando a começamos, se propõe aqui examinar um paralelo [antístrophon] à pesquisa sobre os prazeres e ver se há uma ciência mais pura que outra ciência, tal como há um prazer mais puro que outro prazer¹².

O fato é que a argumentação já havia descoberto que as técnicas diferem uma da outra, por serem relativas a coisas diferentes (por terem objetos diferentes), e também por serem mais ou menos claras, uma em relação à outra. Ao longo da discussão, em relação a uma técnica que foi chamada por um mesmo nome, por causa da opinião de que ela era única (uma), agora se pergunta se ela é dupla, em relação à clareza e à pureza: se a que é praticada pelos que filosofam é mais precisa do que a que é praticada pelos que não filosofam¹³.

A resposta é que, no que concerne à clareza das ciências, caminham na direção de uma diferença espantosamente grande (*thaumastòn diaphoràs mégethos*). Dizendo de maneira mais fácil: essas (ciências) diferem muito das outras técnicas; as que são movidas pelo impulso (*bormén*) dos que filosofam realmente diferem enormemente (*diaphérousin amékehanon*),

¹¹ PLATÃO. *Filebo*, 56e-57a.

¹² PLATÃO. *Filebo*, 57a9-b2.

¹³ PLATÃO. *Filebo*, 57b-c.

pela exatidão e pela verdade, em relação à medida e aos números. É feita uma menção aos indivíduos que arrastam (distorcem) os argumentos/discursos (em todas as direções). Há, efetivamente, duas técnicas dos números, duas técnicas da medida, e ainda muitas outras técnicas que compartilham um só nome, tendo a mesma dualidade¹⁴.

A argumentação final (dessa divisão das técnicas e ciências) é feita tendo em vista supostos interlocutores hábeis (*deinoús*) no uso dos discursos. Segundo Sócrates, o poder do dialogar (a potência do diálogo, a faculdade dialética) exige que um conhecimento seja preferível: o conhecimento mais verdadeiro (*alethestáten gnôsin*), que tem por objeto ‘o que é’, ‘o que é realmente’, ‘o que é por natureza sempre o mesmo’¹⁵.

Protarco tenta conciliar Górgias e Sócrates, ou seja, encontrar uma espécie de acordo que elabore de maneira razoável as relações entre a técnica da persuasão e a dialética. Mas Sócrates persiste em se fazer entender corretamente: o que buscava não era a técnica que ultrapassa todas as outras em magnitude, em excelência e em utilidade para nós (*hemás*); buscava uma técnica que pode ser pequena e que tenha pouca utilidade, mas que tenha como objeto o que é claro, preciso e mais verdadeiro (*saphès kai takribès kai tò alethéstaton*). A técnica ou ciência que Sócrates tem em vista é aquela que deve, então, ser valorizada acima da retórica: por seu valor de pureza, pelo poder de desejar o verdadeiro, de fazer tudo em função dele; pois a pureza da inteligência e do pensamento são o que há de mais valioso, por ser o que tem mais autoridade (prioridade, importância, soberania, legitimidade) (*kyriotéran*)¹⁶.

Essa é a ciência ou técnica que apreende mais a verdade. Sócrates lembra a Protarco que as muitas técnicas servem-se principalmente das opiniões; por exemplo, quem pesquisa sobre a natureza, as coisas deste mundo, como algo veio a ser, como um ser é afetado e como atua. Seus objetos não são as coisas que são sempre, mas coisas que vêm a ser, que virão a ser ou que vieram a ser; coisas nas quais não há nenhuma clareza, nenhuma estabilidade, nenhuma firmeza. Delas não há, então, nem inteligência, nem ciência, não tendo nada de verdadeiro. Devem, assim, ir além dos indivídu-

¹⁴ PLATÃO. *Filebo*, 57c-d.

¹⁵ PLATÃO. *Filebo*, 57e-58a.

¹⁶ PLATÃO. *Filebo*, 58b-d.

os que argumentam e, com o discurso (*tô(i) lôgo(i)*), seguindo o testemunho dado pela argumentação, buscar o que é firme, puro e verdadeiro, o que é sem mistura, nas coisas que estão sempre no mesmo estado, as mais não-misturadas, ou nas que lhes são mais aparentadas. Coisas que, por isso, recebem os mais belos nomes: inteligência e reflexão (*noús kai pbrónsis*)¹⁷.

2. O *contraponto* (antístrophon) com o prazer

As técnicas são descritas como comportando duas dimensões, dois aspectos, que podem ser pensados como dois grandes tipos de técnicas, ou duas espécies do gênero maior: a parte de conhecimento, propriamente dito, e a parte de exercício efetivo desse conhecimento. Essa duplicidade ou ambiguidade perpassa toda a divisão das técnicas (ou análise das ciências), ou seja, tal como é feito com os prazeres, trata-se de duas dimensões que nem sempre são identificadas ou destacadas como tais, mas que estão sempre presentes nos argumentos e nas concepções. Uma dimensão propriamente **ontológica**, digamos assim, que é a análise da técnica nela mesma (o poder que é o saber), que é o que ela é propriamente (um aspecto teórico?). E uma outra dimensão, que eu chamaria de **axiológica**, que é a discussão e a análise do valor que uma técnica em particular tem no modo mesmo como os indivíduos vivem (ou como deveriam viver). Trata-se do modo como os saberes e as técnicas são, efetivamente, exercidos, na medida em que implicam a postulação de valores que os direcionem, que ofereçam rumo e sentido para os indivíduos que os elaboram (um aspecto prático?).

É o caso de verificar se as divisões do *Filebo* são consistentemente dicotômicas; dada a brevidade em que a análise é feita, nem sempre fica claro quais são os dois lados da oposição, ou da diferenciação proposta; ou qual o sentido preciso do tratamento que é dado aos saberes.

Uma pergunta: por que exatamente a ausência de medida transforma uma técnica em “quase nada”? Na verdade, há uma competição subjacente, que dá o tom e o ritmo da pesquisa: é preciso retomar o contexto inicial do diálogo e estabelecer as devidas conexões com a

¹⁷ PLATÃO. *Filebo*, 58e-59d.

conclusão sobre qual é o fator, na vida misturada, que torna essa mistura realmente boa.

As divisões parecem ser verdadeiros exercícios de uma suspeita metódica, ou seja: fica patente que há uma hipótese subjacente, há um interesse demonstrativo, há um problema de fundo a ser mostrado/demonstrado. Pergunta: o que é exatamente uma técnica hegemônica? Qual o fator que determina a excelência e, portanto, o poder e a maior legitimidade ou soberania de uma técnica? Um dos critérios principais parece pureza (*kátharsis*), que se desdobra nas dimensões religiosa, médica, política e, agora, intelectual ou epistêmica.

3. Paralelo com o Sofista

Proponho que os esquemas *diairéticos* devam ser lidos segundo o método proposto pelo Estrangeiro de Eleia, no *Sofista*: “Tenemos mais uma vez, dividindo em dois o gênero precedente, avançar sempre segundo a parte direita do que foi dividido [...]”¹⁸. É o caso de avaliar mais profundamente se, no *Filebo*, trata-se efetivamente de uma divisão, no sentido básico do termo *diáíresis*, cuja compreensão retomo a partir da análise que fiz dessa questão no meu estudo sobre o *Sofista*¹⁹.

Por um lado, a divisão não pressupõe conhecimento estabelecido sobre a coisa dividida, pelo contrário, divisão é caminho de prospecção, ou seja, tem principalmente uma função heurística (certamente, mais heurística que classificatória); através das sucessivas divisões, os interlocutores vão descobrindo coisas em relação à coisa dividida. O que não significa, por outro lado, que seja um percurso aleatório, arbitrariamente empírico ou feito por mera associação livre; a escolha de um gênero a ser dividido indica uma postulação em relação à coisa a ser conhecida desse modo; postulação que vai sendo esclarecida e testada ao longo do processo.

Parte-se muitas vezes de um mero nome e se busca construir um acordo sobre a coisa significada por aquele nome, mas sempre através do discurso compartilhado. O fato de ser um *lógos* compartilhado

¹⁸ PLATÃO. *Sofista*, 264d-e.

¹⁹ MARQUES, M. P. *Platão, pensador da diferença: Uma leitura do Sofista*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

confere à busca uma dimensão que vai além das perspectivas individuais de cada um dos interlocutores, e que elabora no próprio assentimento do outro um primeiro nível de objetividade.

É o caso de vermos as críticas de Aristóteles às divisões praticadas nos diálogos platônicos²⁰. Permito-me também fazer referência aos comentários de Cherniss²¹. Platão é menos epistemicamente pretensioso com as divisões, nos seus diálogos, do que o são os *Segundos Analíticos*. Cherniss mostra, por exemplo, como Aristóteles não leva em conta, nas divisões realizadas nos diálogos, a diferença entre níveis de participação, ou seja, entre particulares e formas ou gêneros inteligíveis (participação vertical), por oposição àquela das formas umas com as outras (participação horizontal). Na verdade, há uma comunicação seletiva entre as ideias (algumas com algumas, algumas com todas²²), mas não há, em Platão, diferenciação do tipo gênero e espécie entre ideias, como haveria em Aristóteles.

Nesse sentido, uma divisão é um percurso de diferenciação prospectiva; ela é um processo que examina, explora e esclarece, através das sucessivas diferenciações, o que uma coisa é nela mesma, mesmo (realmente). Em cada divisão, o critério de escolha entre as alternativas que se sucedem é sempre a coisa a ser definida, tal como é vislumbrada no horizonte da definição (da caça), sempre em suas relações, tendo em vista uma rede (trama) múltipla e complexa de aspectos e dimensões que a tornam “outra que” diversas outras coisas²³.

Portanto, ao desenvolver uma divisão, Platão não pretende realizar um mapeamento ontológico da coisa dividida; nem, necessariamente, construir uma hierarquia totalizadora de níveis (estruturais) do ser em questão; nem tampouco chegar a definições exaustivas ou definitivas.

4. Sobre a divisão como método

Penso na referência básica a duas maneiras de se interpretar o

²⁰ ARISTÓTELES. *Primeiros Analíticos*, 46a31-b22; *Segundos Analíticos*, 84a11-96b35; MARQUES, 2006, p. 63-66.

²¹ CHERNISS, H. *The riddle of the early Academy*. New York: Garland, 1980. Primeira edição de 1945. Vide p. 31-59.

²² PLATÃO. *Sofista*, 251a-259d.

²³ MARQUES, 2006, p. 67-77.

problema, a de Vlastos e a de Dixsaut²⁴. A posição de Vlastos²⁵ é que, supostamente, teríamos três tipos de métodos em Platão: o refutativo, o hipotético e o da divisão; ele parte da refutação nos diálogos socráticos, valoriza a postulação do método hipotético nos diálogos intermediários e a divisão nos da maturidade etc. Trata-se de uma perspectiva convencional, restritiva, que não percebe a complementaridade das diferentes dimensões da dialética dos diálogos. Por outro lado, a posição de Dixsaut²⁶ é que o critério da divisão não pode ser absoluto; nenhuma divisão deve ser interpretada de modo isolado ou abstrato; é preciso levar em consideração a questão específica que está sendo enfrentada (diferenças de percurso argumentativo) em cada diálogo. Na medida em que não reconhecemos essa dimensão de mediação ou o fato de que a divisão é uma maneira de enfrentar uma questão posta, ela se torna um mero recurso ou procedimento técnico, que se contraporia ao diálogo ou à postulação de objetos inteligíveis essenciais. Ao fazer isso, tratamos a divisão como um procedimento exclusivamente lógico, enfraquecendo a dimensão problematizadora, interrogativa da dialética (a valorização excessiva da dimensão estritamente lógica, induzida por Vlastos seria derivada de determinada interpretação de Aristóteles).

Numa perspectiva mais ampla, é preciso situar a divisão dialética (platônica) entre a antilogia (sofística) e a lógica aristotélica. No caso do *Filebo*, a divisão das técnicas deve, ao mesmo tempo, contrapor-se e referir-se à divisão dos prazeres; ao problema filosófico de se pensar a complexidade ontológica e prática do prazer; se a divisão é rápida e sintética, ela deve ser vista como suficiente, levando-se em consideração sua posição no movimento argumentativo do diálogo como um todo.

Em termos gerais, há uma equivalência entre *tékhnē e epistēmē*, tal como propõe e sustenta a divisão das técnicas no *Político*²⁷. Uma técnica

²⁴ Ver também SILVA, D. M. *Entre movimentos e imagens: os poderes da alma na República de Platão*. 2014. Tese (Doutorado em Filosofia)-Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Vide p. 32, n. 38.

²⁵ VLASTOS, G. O *élenchos* socrático: método é tudo. Trad. J. Mafra. In: MARQUES, M. P. (Org.). *Refutação*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 17-54.

²⁶ DIXSAUT, M. *Métamorphoses de la dialectique dans les dialogues de Platon*. Paris: Vrin, 2001; _____. *Refutação e dialética*. Trad. J. Mafra. In: MARQUES, 2012, p. 55-86.

²⁷ PLATÃO. *Político*, 258b2-268d4.

sempre implica a busca do conhecimento de seu objeto, mas não o pressupõe. Há sempre duas dimensões numa técnica: 1. uma postulação de conhecimento, portanto, de determinação de um objeto específico, pensado enquanto determinado por um plano inteligível; dimensão que implica um grau maior de precisão (*akribéia*); 2. e essa postulação vem sempre associada ao reconhecimento da dimensão pragmática do exercício da mesma técnica; o que implica graus variados de indeterminação; dimensão claramente reconhecida como menos precisa, menos pura etc., tal como foi aprendido com a divisão dos prazeres.

Na divisão do *Filebo*, há, efetivamente, uma estruturação que tende à hierarquização; tendo em vista certos critérios. A questão que se deve pôr é: o que significa falar em conhecimentos hegemônicos ou em ciências que comandam? O problema oferece duas dimensões: 1. são as técnicas que constituem condições de possibilidades de outras técnicas; 2. ou, no contexto mais específico do diálogo, o critério de hierarquização tem a ver, em última análise, com a excelência da mistura, tal como ficará claro, na seção final, do *agón* que promove a confrontação dos diferentes candidatos ao fator decisivo na determinação da excelência da mistura.

Penso que não se trata da mera oposição aristotélica entre ciências (teóricas) e práticas, mas de níveis necessários ou inerentes a todas as técnicas, que são exercícios efetivos de determinados saberes; em cada uma dessas técnicas, essas dimensões adquirem contornos próprios, específicos, exigindo a relação com outras técnicas que são hegemônicas em relação a elas; relações distintas de “auxiliaridade”²⁸. É o caso de se ver, por exemplo, a relação entre o músico e o fabricante do seu instrumento; entre a estratégia e a matemática etc.

5. *Considerações finais*

Fica patente o uso amplo e menos determinado dos termos classificatórios, deixando uma ambiguidade e uma imprecisão na pesquisa da *tékhné* que dificilmente não seria deliberada. A ambiguidade em relação à dialética não é exclusiva do *Filebo*; diversas são as passagens dos diálogos que fazem referências não mais que alusivas à dialética, sem se preocu-

²⁸ Ver n. 252 de Pradeau às p. 286-287 em PLATON. *Philèbe*. Trad. J.-F. Pradeau. Paris: GF-Flammarion, 2002.

parem em propor exatamente um tratado teórico sobre a dialética que esclarecesse toda e qualquer dúvida. Na *República*, assim como em outros diálogos ditos “canônicos”, fica patente que a distinção entre saberes com objetos inequivocamente distintos nem sempre é marcada terminologicamente de modo a opor radicalmente, por exemplo, *epistémē* e *dóxa*.

No *Filebo*, há um uso difuso dos termos referentes a estados ou atividades cognitivas que indica a escolha de tomá-los naquilo em que são convergentes (*noús*, *phrónesis*, *diánoia*, *mnémē*, *alethēs dóxa*, *epistémē*, *dialektiké*, *tékhnē*, como, por exemplo, em 60d). A reflexão sobre a técnica dialética tende mais a um escalonamento graduado de fatores do que a uma oposição absoluta entre modos de representar e, eventualmente, de conhecer.²⁹ Não parece haver uma mudança de concepção sobre dialética, uma vez que seus objetos são claramente indicados, coerentemente com outros diálogos.³⁰

Tendo em vista o fato de os dois elementos principais da mistura (prazer e conhecimento) receberem tratamentos tão desiguais, qual seria, afinal, a relação entre as duas análises? Sócrates parece querer tomar prazer e conhecimento, antes, como valores que se contrapõem e se relacionam, sem ter que precisar exatamente, no caso do polo do saber, quais e quantos são os seus gêneros,³¹ bastando indicar na sua amplitude as direções axiológicas em que esses polos tendem a se opor, mesmo se devendo ser misturados na vida boa. Tudo indica que a potência dialética está sendo avaliada aqui, retoricamente, ou seja, tal qual o segundo tipo de bens discutido no início do livro II da *República*³²: não só nela mesma, mas também pela sua utilidade e pelo valor compartilhado que ela pode ter na vida misturada (porque humana) vivida pelos indivíduos na cidade, a marca da vida boa sendo a boa mistura, feita de ciências, técnicas e prazeres.

²⁹ Benitez se esforça (vide p. 356-361) para estabelecer paralelos precisos entre o tratamento dado à técnica dialética no *Filebo* e a reflexão sobre a dialética implícita na imagem da linha, em *República*, VI, 509d-511e. BENITEZ, E. La classification des sciences (*Philèbe* 55C-59D). In: DIXSAUT, M. (Dir.). *La féture du plaisir: Etudes sur le Philèbe* de Platon. Paris: Vrin, 1999. v. 1, p. 337-361.

³⁰ PLATÃO. *Filebo*, 58a – o que é realmente se por natureza sempre o mesmo; 59a – o que é sempre; 59c – as coisas que estão sempre no mesmo estado, as mais não-misturadas etc.

³¹ Ver, por exemplo, DIXSAUT, 2001, p. 320.

³² PLATÃO. *República*, 357a-358c.

6. *A escala/divisão das técnicas no Filebo (55c-59d)*

técnica/ciência

educação, formação *produção*

música, aulética construção de navios, de casas

medicina carpintaria, técnicas manuais

agricultura técnica da medida

navegação técnica do peso

estratégia *técnica dos números*

técnica popular dos números técnica filosófica dos números

não filosófica geometria

construção, comércio

cosmologia dialética

RESUMO

Discutir a divisão das técnicas que é feita no *Filebo*, em três momentos (55c-56a; 56b-57d; 57e-59d), em função de sua posição no movimento argumentativo do diálogo. Trata-se de examinar a *tékhne* dos discursos, no contexto da contraposição/aproximação entre prazer e saber, tendo em vista a vida feliz. Os interlocutores se perguntam em que medida(s) o prazer e a reflexão podem e devem fazer parte de um modo de viver que seja bom. A discussão é direcionada para uma reflexão sobre as condições da mistura que deve ser a vida boa, tendo como parâmetro a análise de valores (critérios) que nos permitam determinar o valor dos valores, agrupados em torno do prazer e da reflexão, dos prazeres em suas diferenças e da inteligência (enquanto *tékhne* dos discursos) em suas também múltiplas modalidades.

Palavras-chave: Platão. *Filebo*. *Diaíresis*. *Tékhne*. Prazer. Saber.

ABSTRACT

The aim of this article is to discuss the division of the techniques that occurs in *Philebus* in three moments (55c-56a; 56b-57d; 57e-59d) in accordance to its position in the argumentative development of the dialogue. It will examine the *techné* of the discourses in the context of the opposition/convergence between pleasure and knowledge, with a view to having a happy life. The interlocutors wonder to what extent pleasure and reflection may and should be part of a way of living that is good. The discussion is directed towards a reflection on the conditions of the mixture that constitutes the good life, having as a parameter the analysis of the values (criteria) that allow us to determine the value of the values, grouped around pleasure and reflection, around the differences of the pleasures and around intelligence (viewed as the *techné* of the discourse) in its multiple modalities.

Keywords: Plato. *Philebus*. *Diairesis*. *Techné*. Pleasure. Knowledge.